

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/multi.v27i66.3584>
Recebido em: 02/12/2021; aprovado para publicação em: 22/04/2022

**Os animais de estimação nas dinâmicas familiares: de meros
objetos a membros efetivos**

***Pets in family dynamics: from mere objects to effective
members***

***Las mascotas en la dinámica familiar: de meros objetos a
miembros efectivos***

Hanae Shiota¹
Arlinda Cantero Dorsa²

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Especialista em Direito Processual Civil pela Faculdade de Direito Prof. Damásio de Jesus. Graduada em Direito pela UCDB. Advogada. E-mail: hanae_shiota@hotmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6841-7334>

² Doutora em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Mestre em Comunicação e Letras pela Mackenzie, São Paulo. Graduação em Letras pela UCDB. Docente do Programa de Mestrado e Doutorado em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). E-mail: acdorsa@ucdb.br, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1120-0273>

Resumo: O presente artigo versa sobre a temática do papel desempenhado pelos animais de estimação nas famílias e seus efeitos na formatação dos arranjos familiares, especialmente o multiespécie. Objetiva-se investigar as origens do vínculo humano-animal, desde os fatores que conduziram a sua formação e os relacionados à transformação dos animais em pets, assim como pesquisar o impacto dessa relação na formatação dos arranjos familiares. Este artigo faz parte da dissertação intitulada “As interfaces da relação entre seres humanos e animais de estimação sob a perspectiva do desenvolvimento humano”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Local da Universidade Católica Dom Bosco. Trata-se de pesquisa com abordagem qualitativa, que emprega o método indutivo, e, quanto aos objetivos, caracteriza-se como uma pesquisa exploratória, por meio de revisão bibliográfica e documental. A pesquisa permite concluir que a realidade das famílias formadas por membros humanos e não humanos, apesar da novidade que representa, já não pode mais ser negada, em atenção aos valores maiores que unem esses seres, em uma relação de mutualismo.

Palavras-chave: animais de estimação; *pets*; família; multiespécie.

Abstract: This article deals with the theme of the role played by pets in families and their effects on the formatting of family arrangements, especially multispecies. The objective is to investigate the origins of the human-animal bond, from the factors that led to its formation and those related to the transformation of animals into pets, as well as researching the impact of this relationship on the formatting of family arrangements. This article is part of the dissertation entitled “The interfaces of the relationship between human beings and pets from the perspective of human development”, presented to the Postgraduate Program in Local Development at the Universidade Católica Dom Bosco. It is a research with a qualitative approach, which employs the inductive method, and, as for the objectives, it is characterized as an exploratory research through bibliographical and documental review. The research allows us to conclude that the reality of families formed by human and non-human members, despite the novelty it represents, can no longer be denied, in view of the greater values that unite these beings, in a relationship of mutualism.

Keywords: companion animals; *pets*; family; multispecies.

Resumen: Este artículo trata el tema del papel que juegan las mascotas en las familias y sus efectos en el formato de los arreglos familiares, especialmente multiespecies. El objetivo es investigar los orígenes del vínculo humano-animal, a partir de los factores que llevaron a su formación y los relacionados con la transformación de los animales en mascotas, así como investigar el impacto de esta relación en el formateo de los arreglos familiares. Este artículo forma parte de la disertación titulada “Las interfaces de la relación entre seres humanos y mascotas desde la perspectiva del desarrollo humano”, presentada al Programa de Postgrado en Desarrollo Local de la Universidad Católica Dom Bosco. Es una investigación con enfoque cualitativo, que emplea el método inductivo, y, en cuanto a los objetivos, se caracteriza por ser una investigación exploratoria a través de revisión bibliográfica y documental. La investigación permite concluir que la realidad de las familias formadas por miembros humanos y no humanos, a pesar de la novedad que representa, ya no se puede negar, en vista de los mayores valores que unen a estos seres, en una relación de mutualismo.

Palabras clave: mascotas; *pets*; familia; multiespecies.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No curso da história, diversas mudanças socioculturais foram apresentadas, adaptadas e consolidadas, e, de fato, também a transformação comportamental relativa aos animais não foi diferente. Desde os primórdios da humanidade, a interação com os demais seres vivos e o ambiente sempre foi de extrema importância, e, nesse cenário, os animais estiveram presentes e efetivamente colaboraram em todas as etapas evolutivas até então vivenciadas.

Em um primeiro momento, os animais foram encarados em sua materialidade, vale dizer, como coisas cujo interesse repousava tão somente em critérios de utilidade e de comodidade para as atividades humanas. No entanto, assistiu-se a uma mudança de papéis quando se inaugurou um novo nicho, o dos animais de estimação, o qual estava alicerçado em outros valores, vale dizer, no companheirismo e no afeto.

Paulatinamente, no desenrolar das dinâmicas familiares, os animais despertaram o amor das pessoas, de forma que hoje são vistos como companheiros, amigos, membros da família e, até mesmo, filhos.

No tocante à formação familiar, a sua definição também foi objeto de questionamentos ao longo do tempo, sendo certo que já passou por diversas atualizações e, modernamente, encontra-se lastreada na afetividade entre seus componentes. Esse dinamismo das relações familiares, por muito tempo, tornou árdua a tarefa de construir uma definição que amparasse a gama de possíveis arranjos, bem como valorizasse as escolhas individuais de cada pessoa ou, em outras palavras, a autodeterminação para a realização pessoal, a busca da felicidade e o respeito à dignidade.

A família, tanto do ponto de vista individual quanto do social, revestiu-se de importância ímpar. Por tal motivo, qualquer tentativa conceitual deve sempre ser vigilante para não limitar, reduzir ou esvaziar seu conteúdo, pois a pluralidade das construções familiares vivenciadas no seio da sociedade impõe uma quebra de paradigmas, por vezes, excludentes e discriminatórios.

O presente trabalho objetiva estudar a presença e o papel desempenhado pelos animais de estimação nas famílias. É nesse cenário de constantes metamorfoses que os *pets* passam a ser encarados como parte fundamental para o funcionamento e a completude dessa instituição milenar.

O estudo se vale da abordagem qualitativa e, quanto às bases lógicas, utiliza o método indutivo, caracterizando-se, quanto aos objetivos, como pesquisa exploratória associada à revisão bibliográfica, a partir do levantamento de livros, artigos científicos, teses e dissertações referentes ao tema, juntamente à análise documental de relatórios, pareceres, projetos e decisões judiciais pertinentes.

Para tanto, parte-se, na primeira seção, da compreensão da relação entre seres humanos e animais não humanos, seguida por reflexões sobre a entidade conhecida como família, para, enfim, na última seção, investigar as relações familiares que envolvem a íntima conexão entre tutores e seus *pets*.

2 O VÍNCULO HUMANO-ANIMAL

A jornada da humanidade sobre a face do planeta Terra conta, há muito, com a companhia dos animais. Estes tiveram um papel vital no desenvolvimento das civilizações, seja por naturalmente representarem uma fonte de alimento, fornecerem matérias-primas que possibilitaram a concepção de roupas e ferramentas, servirem de meio de transporte, participarem de batalhas e guerras, emprestarem suas forças para os empreendimentos humanos básicos, seja por prestarem para fins científicos e de pesquisa, inclusive para a formulação de vacinas, dentre outros.

Essa relação interespecies, para Shipman (2010), influenciou a evolução humana pelos últimos 2,6 milhões de anos. A autora explica que um conjunto de características únicas distingue os seres humanos das outras espécies, a saber: fabricação e uso de ferramentas, comportamento simbólico, o que inclui a linguagem, e domesticação de outras espécies. Shipman (2010) enfatiza, no entanto, que existe uma quarta característica, a conexão animal, que une todas as demais em um pacote adaptativo. Em sua pesquisa, ela apresenta três estágios cronológicos da evolução do ser humano, relacionando-os com a conexão animal:

Na primeira fase, a função inicial das ferramentas era melhorar o acesso humano aos alimentos de origem animal, introduzindo os humanos em um novo nicho ecológico. Na segunda fase, as primeiras evidências de armazenamento externo de informações diziam respeito aos animais. O comportamento simbólico e a comunicação proporcionaram benefícios essenciais à medida que os humanos

expandiram para novas áreas geográficas, desenvolveram ferramentas mais sofisticadas e ampliaram seu nicho. Na terceira fase, a domesticação forneceu benefícios de mudança de nicho para os humanos que eram capazes de se comunicar bem o suficiente para fazer dos animais ferramentas vivas. Em cada fase, vantagens iniciais e fundamentais foram acumuladas por aqueles que estavam mais focados nos animais (SHIPMAN, 2010, p. 525, tradução nossa)¹

A conexão animal, assim, representa o complexo de interações entre a espécie humana e outras espécies. Essas interações, consubstanciadas na observação, exploração, tratos sociais e, até mesmo, íntimos, são associadas a significativas vantagens durante as etapas evolutivas da humanidade, de forma a demonstrar a importância dos animais para a conformação atualmente vivida.

O consenso entre arqueólogos e geneticistas é de que os cachorros foram os primeiros animais a serem domesticados e que tenham sido companheiros dos humanos há, aproximadamente, 15.000 anos (GALIBERT *et al.*, 2011; LARSON *et al.*, 2012; IRVING-PEASE *et al.*, 2018). Alguns estudos, no entanto, apontam para evidências de uma relação muito mais antiga, que remonta até mais de 100.000 anos (VILÀ *et al.*, 1997; GERMONPRÉ *et al.*, 2009; OVODOV *et al.*, 2011).

Encontrar o momento aproximado do início desse vínculo depara-se com a dificuldade, até mesmo genética, de identificar quando houve a transformação da figura do lobo ancestral no cachorro domesticado. Apesar disso, sabe-se que, “únicos entre todos os animais domésticos, os primeiros cães domésticos inequívocos precedem ao estabelecimento da agricultura no registro arqueológico por vários milhares de anos” (LARSON *et al.*, 2012, p. 1, tradução nossa)², de onde decorre o entendimento de

¹ "In the first phase, the earliest function of tools was to improve human access to animal foods, thrusting humans into a new ecological niche. In the second phase, the earliest evidence of external storage of information concerned animals. Symbolic behavior and communication provided key benefits as humans expanded into new geographic ranges, developed more sophisticated tools, and broadened their niche. In the third phase, domestication provided niche changing benefits to those humans who were able to communicate well enough to make living tools out of animals. In each phase, early and fundamental advantages accrued to those who were more animal focused."

² "Unique among all domestic animals, the first unambiguous domestic dogs precede the

que essa relação se consolidou quando a humanidade ainda vivia da caça e da coleta e, ademais, possibilitou a domesticação dos demais animais ao longo da história.

Entre as muitas espécies de plantas e animais domesticados, o cão tem a distinção de ser o primeiro. A domesticação é um longo processo durante o qual os humanos, ao selecionar animais para cruzamentos futuros, são capazes de modificar uma série de características fisiológicas e comportamentais, gerações após gerações (GALIBERT *et al.*, 2011, p. 190, tradução nossa)³

Além de ter sido o primeiro animal reportado na história como domesticado, o cão passou por um processo diferente de qualquer outro animal, de tal forma que Hobgood-Oster (2014) afirma que humanos e caninos foram domesticados.

Uma jornada na história dessa relação entre espécies oferece um vislumbre de quem são os humanos e os cães, quem eles foram e talvez para onde possam ir juntos. Nem sempre é uma história fácil. Embora existam momentos tocantes de companheirismo, também existem casos de violência e exploração. Mas, como uma equipe, humanos e cães dominaram a Terra. Quinhentos anos atrás, a única espécie animal comum conhecida pelos humanos em todos os continentes habitados era o cachorro (HOBGOOD-OSTER, 2014, p. 10, tradução nossa)⁴

Explicita a autora que existiam diversas razões para a união dessas duas espécies: humanos e caninos tinham práticas alimentares de oportunidade, na medida em que ambos eram caçadores que se mudavam constantemente em busca da próxima refeição; humanos e lobos caçavam

appearance of settled agriculture in the archeological record by several thousand years."

³ "Among the many species of plants and animals that have been domesticated, the dog holds the distinction of being the first. Domestication is a long process during which humans, by selecting animals for future crosses, are able to modify a number of physiological and behavioral traits, generations after generations."

⁴ "A journey into the history of this interspecies relationship offers a glimpse into who humans and dogs are, who they have been, and maybe where they might go together. It is not always an easy story. While there are touching moments of companionship, there are also instances of violence and exploitation. But as a team, humans and dogs have dominated earth. Five hundred years ago, the only common animal species known to humans on every inhabited continent was the dog."

os mesmos animais com habilidades diferentes, porém complementares; e, talvez a mais importante, humanos e caninos compartilhavam de estrutura social e hierárquica similares.

Nesse cenário, as duas espécies provavelmente coabitavam as mesmas regiões, em decorrência da similaridade das suas práticas de caça, tornando-os por vezes competidores e, eventualmente, aliados. Então, possivelmente, os lobos, que não eram os alfas de suas matilhas, descobriram que comer as sobras ou os ossos que os humanos não podiam comer ou jogavam fora era uma maneira confiável de sobreviver e, por tal motivo, passaram a se acostumar a viver perto dos acampamentos humanos.

A autora sustenta que esses lobos, que não encaravam mais os humanos como ameaças, passaram a se reproduzir, o que acabou por subverter a sua anterior hierarquia de dominância. Dessa operação, surgiram filhotes com característica similares, “marcados por mudanças hormonais complexas e potentes, mudanças que se intensificaram a cada geração sucessiva” (HOBGOOD-OSTER, 2014, p. 20, tradução nossa)⁵, quando, então, iniciou-se a transformação do lobo em cachorro.

Hobgood-Oster (2014) salienta ainda que essa teoria de domesticação, que conta com a iniciativa canina, tem um profundo impacto na história da própria humanidade e vai além, em razão de que esse processo:

[...] de populações locais de lobos se transformando nos primeiros cães domesticados, algum tempo antes de 15.000 anos atrás, ocorreu por meio de processos evolutivos e culturais paralelos na Europa, Ásia e possivelmente no norte da África, então há novamente uma reviravolta na história. Sendo esse o caso, os cães não são uma “criação” dos humanos que foram então compartilhados por meio de intercâmbio cultural; ao contrário, foram parceiros naturais em diferentes épocas e lugares que tomaram eles próprios parte da iniciativa neste projeto. Os humanos não criaram cães por meio de sua própria inteligência e seleção, lobos e cães estiveram intimamente envolvidos no projeto (HOBGOOD-OSTER, 2014, p. 20, tradução nossa)⁶

⁵ "The resulting pups were marked by complex and potent hormonal changes, changes that intensified with each successive generation."

⁶ "And if this process of local wolf populations morphing into early domesticated dogs sometime before 15,000 years ago took place through somewhat parallel evolutionary and then cultural processes in Europe, Asia, and possibly northern Africa, then history is

No curso dessa caminhada de 15.000 anos, a humanidade moderna assistiu e participou de outras tantas transformações sociais e culturais. Os animais, então domesticados, eram mantidos pelos humanos de acordo com as utilidades que deles derivavam. Dentre eles, alguns se destacaram e passaram a ocupar um novo nicho, tornaram-se animais de estimação ou de companhia.

Por certo que a relação com animais domesticados tem motivação utilitarista, na medida em que

[...] podemos investir tempo, esforço e recursos para cuidar deles, mas em troca esperamos obter benefícios materiais ou econômicos tangíveis na forma de alimentos, fibras, mão de obra ou outros serviços práticos que superam, ou pelo menos equilibram, os custos (SERPEL, 2015, p. 4, tradução nossa)⁷

Porém, no que se refere aos animais de estimação, as pessoas valorizam o companheirismo e o afeto, porque eles “respondem ansiosamente ao cuidado e atenção, oferecendo amor incondicional e contato físico não ameaçador ao abraçar e acariciar – necessidades humanas essenciais” (WALSH, 2009, p. 482, tradução nossa)⁸.

Reforça este contexto Beck (2000, p. 1), quando enfatiza que:

É comum que diferentes espécies de animais compartilhem o mesmo ambiente e muitas vezes se beneficiem da presença uns dos outros. Eles podem seguir um ao outro em busca de comida ou fugir juntos, mesmo quando apenas um deles sinta o perigo. Em relações simbióticas naturais, um participante não altera significativamente a fisiologia do outro. Não foi o que aconteceu com as pessoas e seus animais domesticados e, principalmente, com a relação humana com os animais de companhia (tradução nossa)⁹

again turned on its head. That being the case, dogs are not a “creation” of humans that were then shared through cultural exchange; rather they were natural partners in different times and places who took some of the initiative in this project themselves. Humans did not create dogs through their own intelligence and selection, wolves and dogs were intimately involved in the project.”

⁷ "We may invest time, effort, and resources in caring for them, but in return we expect to obtain tangible material or economic benefits in the form of food, fiber, labor, or other practical services that outweigh, or at least balance, the costs."

⁸ "Pets respond eagerly to care and attention, offering unconditional love and nonthreatening physical contact in holding and petting- crucial human needs."

⁹ "It is common that different species of animals may share the same environment and

Assistiu-se, portanto, a mais uma reviravolta social, subvertendo a ordem utilitarista e materialista pela qual o interesse na manutenção dos animais repousava em questões de alimentação, segurança, transporte, força etc., para a emergência de outra categoria baseada em anseios distintos. Nesse sentido, no que toca aos animais de companhia, aspirações diferentes se destacam, dentre as quais se encontra o afeto.

Ao investigar as origens da relação entre humanos e animais de estimação, Serpell (2002) aponta para três possíveis razões. A primeira delas seria que os animais de estimação são parasitas sociais capazes de explorar os instintos paternais inatos dos seres humanos. No entanto, os *pets* não podem ser considerados parasitas, na medida em que seus tutores são plenamente conscientes da sua presença e da sua proveniência.

A segunda explicação possível seria a de que os tutores de animais de estimação são incapazes ou não desejam se relacionar com outros seres humanos, recorrendo aos *pets* enquanto substitutos. Contudo, admitir que os animais de estimação ocupem a posição de falsos substitutos para pessoas incapazes de se relacionar, ou que simplesmente não desejam, seria atribuir a uma grande porção da população mundial a qualidade de socialmente incapacitados.

A terceira, e mais razoável, é de que as pessoas criam animais de estimação para melhorar sua própria saúde e qualidade de vida, de forma que acabam se beneficiando social, emocional e fisicamente dessa relação.

Aliás, para Serpell e Paul (2011), o pensamento antropomórfico pode ter contribuído para o processo de assimilação dos animais às famílias humanas desde a pré-história. Em um estudo posterior, Serpell (2015), na mesma linha de pensamento de Hobgood-Oster (2014), defende que, em que pese a adoção de animais de estimação ser mais popular atualmente, “está claro que este intrigante comportamento humano não tem origem moderna nem está confinado a sociedades mais ricas e ‘ocidentalizadas’”

often benefit from each other’s presence. They may follow one another for food, or flee together even when only one senses the danger. In natural symbiotic relationships, one participant does not significantly alter the physiology of the other. This is not what has happened with people and their domesticated animals and especially the human relationship with companion animals.”

(SERPELL, 2015, p. 2, tradução nossa)¹⁰. Nesse sentido, o pesquisador caracteriza o vínculo humano-animal como uma relação de mutualismo, na qual ambas as partes usufruem de benefícios mútuos.

Fato é que, modernamente, testemunha-se um tratamento diferente conferido aos animais de estimação: atribuindo-lhes nomes (até mesmo com a inclusão do sobrenome da família), o que lhes confere identidade; comemorando seus aniversários; presenteando-os nas datas festivas (como no Natal e no Dia das Crianças); alimentando-os com refeições “humanas”; realizando ensaios fotográficos no estilo *newborn*; criando perfis nas redes sociais (alguns com milhões de seguidores); tratando seus problemas de saúde em clínicas especializadas, até mesmo com fisioterapia e acupuntura; matriculando-os em aulas de natação; deixando-os em creches ou *daycares* para passar o dia etc.

Esses comportamentos denotam que os animais de companhia alçaram um novo patamar na vida dos seres humanos, de forma que o milenar melhor amigo do homem adentrou a esfera mais íntima de convivência humana, a família, sendo-lhe outorgado o *status* de membro e, para alguns, de filho.

2.1 A família: algumas importantes pontuações teóricas

São irrefutáveis a importância e a força da entidade conhecida como família. Por um lado, pode-se vislumbrá-la no início do que se entende por ser humano, seja porque suas raízes estão entrelaçadas às da própria humanidade, por atuar como um dos elementos basilares de toda sociedade, seja, ainda, por figurar como o primeiro contato social de cada um de seus membros.

Sob outra perspectiva, a individual, a família é o ambiente primeiro da formação da identidade, do desenvolvimento pessoal, moral e psíquico; é onde são recebidos e transmitidos valores, culturas e saberes; é a morada do afeto, do cuidado e da intimidade. Para além, esse núcleo essencial da

¹⁰ "Although pet keeping is probably more popular nowadays than at any time in the past, it is clear that this intriguing human behavior is neither modern in origin nor confined to more affluent, 'westernized' societies."

sociedade representa a imposição de responsabilidades mútuas entre seus membros, a fim de preservar o bem-estar de cada um deles.

Apresentando-se como uma importante fonte de apoio social e emocional, a família não só tem grande significado pessoal, mas também um profundo significado social. A importância da família é refletida em estruturas (por exemplo, casamento, parentalidade, benefícios de saúde, direitos legais) que conferem a ela um status privilegiado na sociedade. Além disso, a família fornece às pessoas sua primeira participação em um grupo e atua como uma identidade central ao longo de suas vidas (BUCHANAN; MCCONNELL, 2017, p. 97-8, tradução nossa)¹¹

Em que pese a família ser considerada pela maioria das pessoas como o grupo mais importante (MCCONNELL *et al.*, 2019), defini-la não é uma tarefa tão fácil, seja em virtude de seu dinamismo, seja por sua complexidade, o que acaba por envolver diversos outros aspectos.

Diante do envolvimento de valores caros e profundos de identidade e de pertença, a definição do que seja família não admite uma leitura rasa, superficial ou desatenta. Contudo, antes de adentrar a discussão propriamente, é importante ressaltar que essa instituição milenar já passou, e ainda passa, por variadas mutações. Nesse processo contínuo de transformação, que acompanha as próprias alterações no meio social, questões de tempo e espaço devem ser levadas em consideração. O que se pretende aclarar é que o presente estudo respeita e valoriza todas as construções familiares, sem ambição alguma de avaliar o que é certo ou errado, mas apenas de analisar a situação atual em um modelo de sociedade ocidental.

Como um bom ponto de partida, nada melhor do que recorrer à sua definição constante no dicionário. Para o Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa, família é:

1. grupo de pessoas vivendo sob o mesmo teto (esp. o pai, a mãe e os filhos);
2. grupo de pessoas que têm uma ancestralidade comum

¹¹ "Serving as an important source of both social and emotional support, family not only has great personal significance, but it has profound societal meaning. The importance of family is reflected in structures (e.g., marriage, parenting, health care benefits, legal rights) that confer it a privileged status in society. Moreover, family provides people with their first ingroup membership and serves as a central identity throughout their lives."

ou que provêm de um mesmo tronco; 3. pessoas ligadas entre si pelo casamento e pela filiação ou, excepcionalmente, pela adoção [...] (HOUAISS; VILLAR, 2001, p. 1304)

Partindo para uma visão mais aprofundada do fenômeno, Buchanan e McConnell (2017, p. 98-9, tradução nossa)¹² apresentam três perspectivas acadêmicas utilizadas para a definição de família, quais sejam:

[...] definições estruturais (por exemplo, definições tradicionais ou socio-legais), perspectivas funcionais (por exemplo, os propósitos que as famílias atendem) ou visões transacionais (por exemplo, identidades e emoções coletivas compartilhadas)

Nesse mesmo sentido, exemplifica Reich (2021):

A definição formal de família inclui aquelas pessoas que são relacionadas por sangue (ou parentesco genético), casamento ou adoção. Esta é claramente uma definição bastante restrita e é a mais usada na lei. No entanto, quando pensamos em quem definimos como família, geralmente pensamos em termos de critérios mais amplos. Amigos da família que são como tios ou tias, colegas de quarto e melhores amigos que definimos como nossa família escolhida, parceiros românticos de longa data de nossos pais que ajudaram a nos criar. Ex-cônjuges que ainda são amigos próximos. Irmãos adotivos. Até animais de estimação. Essas definições refletem uma definição funcional de família, o que levanta uma questão óbvia: se funcionamos como uma família, não somos família? De forma mais geral, podemos nos perguntar: por que qualquer grupo que se sinta como família não pode ser reconhecido como família? (2021, p. 2, tradução nossa)¹³

¹² "Even in academic circles, there are differences in how scholars define family, with most adopting one of three perspectives: structural definitions (e.g., traditional or socio-legal definitions), functional perspectives (e.g., purposes that families serve), or transactional views (e.g., shared collective identities and emotions)."

¹³ "The formal definition of family includes those people who are related through blood (or genetic relationship), marriage, or adoption. This is clearly a fairly narrow definition and is the one used most often in law. However, when we think of who we define as family, we often think in terms of broader criteria. Family friends who are like uncles or aunts, roommates, and best friends who we define as our chosen family, our parents' long-term romantic partners who helped raise us. Ex-spouses who are still close friends. Foster siblings. Even pets. These definitions reflect a functional definition of family, which raises an obvious question: if we function like a family, are we not family? More generally, we might wonder, why can't any group that feels like family be recognized as family?"

Por outro vértice, Morgan (2011) vislumbra a ideia de práticas familiares em detrimento da noção engessada de “a família”. Argumenta que a visão tradicional, da mesma forma que o padrão imposto por ela, tem implicações práticas, políticas e morais. Para o autor, apesar de esse padrão até conseguir acomodar noções como coabitação e famílias reconstruídas, restariam em posição de desvantagem social outros grupos tão merecedores quanto.

Nesse sentido, compreende a entidade como a ideia de vida familiar resultado de um agrupamento de atividades cotidianas, as quais estão relacionadas a outros membros. Assim, “todo um conjunto de atividades que parecem triviais ou mesmo sem sentido recebe significado por ser agrupado sob um único rótulo, o de família” (MORGAN, 2011, p. 6, tradução nossa)¹⁴. Prossegue ainda o referido autor para descrever como são definidos os membros da família:

Se definirmos um membro da família em termos de um membro de alguma coletividade designada, podemos nos encontrar de volta ao ponto onde começamos, as dificuldades de escrever ou falar sobre a família como um substantivo. No entanto, se definirmos os membros da família em termos de práticas cotidianas que assim os designam, a dificuldade é de outra ordem, mesmo que não desapareça totalmente. Existe uma circularidade necessária, ou reflexividade, envolvida. As práticas, incluindo não apenas o que é feito, mas também como é feito, definem quem conta como membro da família, pelo menos durante o tempo em que essas práticas estão sendo seguidas (p. 10, tradução nossa)¹⁵

Tradicionalmente, a família reconhecida era apenas aquela decorrente do casamento entre homem e mulher, seguida por sua prole legítima. Aliás, no Brasil, até o ano de 1977, o casamento só podia ser dissolvido pela morte

¹⁴ "A whole set of what appears to be trivial or even meaningless activities is given meaning through its being grouped together under one single label, that of family."

¹⁵ "But how do we define 'family members'? If we define a family member in terms of a member of some designated collectivity, we may find ourselves back at the point where we started, the difficulties of writing or talking about the family as a noun. However, if we define family members in terms of everyday practices which so designate them, the difficulty is of a different order even if it does not disappear entirely. There is a necessary circularity, or reflexivity, involved. The practices, including not merely what is done but also how it is done, define who counts as a family member, at least for the time that these practices are being followed."

de um dos cônjuges. No entanto, esse modelo composto basicamente por pai, mãe e filhos se mostrou insuficiente diante do horizonte de possibilidades e dos novos arranjos impostos pela realidade vivida no meio social.

De fato, limitar a entidade familiar, e os efeitos que dessa definição decorrem, aos laços de consanguinidade e de casamento (e, eventualmente, de adoção) acabava por excluir outras tantas relações com o mesmo valor, que, portanto, ficavam à margem do sistema. Tal era o caso de casais cujo relacionamento não estava formalizado na forma do casamento, casais sem filhos, lares multigeracionais, lares formados por apenas um dos pais e seus descendentes, parentalidade socioafetiva e uniões homoafetivas.

Interessante foi a constatação da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE):

As famílias estão mudando. A expectativa de vida é mais alta, as taxas de natalidade mais baixas. Em muitas famílias, hoje, há mais avós e menos filhos. Muitas famílias agora vivem em arranjos não tradicionais: há mais coabitação, as pessoas se casam mais velhas, os casamentos terminam em divórcio com mais frequência e os novos casamentos estão aumentando. As aspirações dos pais mudaram, e, em toda a OCDE, muitos pais e mães desejam combinar uma carreira e uma vida familiar ativa. As crianças têm menos irmãos e vivem mais frequentemente com pais em coabitação ou pais sozinhos. Mais crianças estão crescendo em famílias mescladas de adultos que se casaram novamente (2011, p. 3, tradução nossa)¹⁶

Nesse tocante, foi necessário repensar, reformular e atualizar as definições de família, no intuito de abranger e proteger todos os possíveis arranjos que envolvessem valores fundamentais, como afeto, dignidade, felicidade e liberdade de escolha. Por certo, no Brasil, as mudanças foram paulatinas, porém cada qual representou uma verdadeira quebra de paradigmas, consolidando, cada vez mais, a posição de destaque da afetividade em detrimento da consanguinidade.

¹⁶ "Families are changing. Life expectancy is higher, birth rates lower. In many families today, there are more grandparents and fewer children. Many families now live in non-traditional arrangements: there is more cohabitation, people marry at older ages, marriages end in divorce more often and remarriages are increasing. Parents' aspirations have changed and across the OECD many fathers and mothers both want to combine a career and an active family life. Children have fewer siblings and live more often with cohabiting or sole parents. More children are growing up in blended families of re-partnered adults."

Os avanços em termos familiares, por vezes, tiveram de passar pelo crivo do Poder Judiciário em busca de legitimidade. Em uma decisão histórica, o Supremo Tribunal Federal (STF), na Ação Direta de Inconstitucionalidade n. 4.277/DF (BRASIL, 2011a), reconheceu a união homoafetiva como entidade familiar. Alguns meses depois, o Superior Tribunal de Justiça (STJ), no julgamento do Recurso Especial n. 1.183.378/RS, autorizou o casamento civil de pessoas do mesmo sexo, com o argumento de que, com a Constituição Federal de 1988, inaugurou-se

[...] uma nova fase do direito de família [...] baseada na adoção de um explícito poliformismo familiar em que arranjos multifacetados são igualmente aptos a constituir esse núcleo doméstico chamado 'família', recebendo todos eles a especial proteção do Estado (BRASIL, 2011b, p. 6)

Ainda, o Supremo Tribunal Federal, no Recurso Extraordinário n. 898.060/SC, reconheceu a possibilidade da paternidade socioafetiva e da pluriparentalidade, fixando tese em sede de repercussão geral, destacando-se como argumentos:

A família, objeto do deslocamento do eixo central de seu regramento normativo para o plano constitucional, reclama a reformulação do tratamento jurídico dos vínculos parentais à luz do sobreprincípio da dignidade humana (art. 1º, III, da CRFB) e da busca da felicidade. A dignidade humana compreende o ser humano como um ser intelectual e moral, capaz de determinar-se e desenvolver em liberdade, de modo que a eleição individual dos próprios objetivos de vida tem preferência absoluta em relação a eventuais formulações legais definidoras de modelos preconcebidos, destinados a resultados eleitos *a priori* pelo legislador. [...]

A superação dos óbices legais ao pleno desenvolvimento das famílias construídas pelas relações afetivas interpessoais dos próprios indivíduos é corolário do sobreprincípio da dignidade humana (BRASIL, 2016, p. 2)

Por certo, a modernidade traz consigo novas aspirações que acabam por impor outras configurações familiares, como é o caso da família mosaico, em que há a união entre pessoas que têm filhos de relacionamentos anteriores. Hoje, ainda, discute-se acerca da legitimidade da família poliafetiva, formada pela união de mais de duas pessoas (sejam elas do mesmo sexo ou não).

Portanto, “tornar-se” ou “fazer” família, hoje, representa mais do que se adequar a um ou outro modelo preestabelecido considerado como legítimo, tampouco aceitar a noção reducionista da sua definição, mas significa reconhecer a pluralidade de formações e valorizar cada qual, tomando por base a afetividade desenvolvida na busca da própria felicidade.

2.2 Os animais de estimação como membros da família

Como visto, a convivência entre humanos e animais remonta a milhares de anos. No início, o interesse na manutenção dessa relação era baseado em propósitos econômicos ou práticos, seja para caça, alimentação, segurança, força, seja para pesquisa; contudo, com o correr da história, esses animais conquistaram um lugar de destaque nas configurações das sociedades e, especialmente, nas famílias.

Durante a maior parte de nossa história compartilhada, cães e gatos viviam ao ar livre e tinham tarefas a fazer, como caçar, transportar, manter os vermes afastados ou vigiar e pastorear o gado. A partir do século XIX, entretanto, e acelerando desde a 2ª Guerra Mundial, os papéis dos cães e gatos mudaram (Grier, 1999, 2006; Kete, 1994; Ritvo, 1987; Serpell, 1996). Mais significativamente, eles se mudaram para dentro das casas e se tornaram animais de estimação (Fogle, 1999) (IRVINE; CILIA, 2017, p. 2, tradução nossa)¹⁷

Interessante foi a constatação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015a) da presença de mais animais de estimação do que de crianças nos lares brasileiros no ano de 2013. Na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), estimou-se a quantia de 44,9 milhões de crianças até 14 anos no Brasil. Em contrapartida, na Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), apurou-se a existência de cerca de 52,2 milhões de cachorros e 22,1 milhões de gatos nos domicílios.

A pesquisa estimou que 44,3% dos domicílios do País possuíam pelo menos um cachorro, o equivalente a 28,9 milhões de unidades

¹⁷ "For most of our shared history, dogs and cats lived outdoors and had tasks to do, such as hunting, hauling, keeping vermin away, or guarding and herding livestock. Beginning in the nineteenth century, however, and accelerating since World War 2, the roles of dogs and cats changed (Grier, 1999, 2006; Kete, 1994; Ritvo, 1987; Serpell, 1996). Most significantly, they moved indoors and became pets (Fogle, 1999)."

domiciliares. [...] A população de cachorros em domicílios brasileiros foi estimada em 52,2 milhões, o que indicou uma média de 1,8 cachorro por domicílio com esse animal. Em relação à presença de gatos, 17,7% dos domicílios do País possuíam pelo menos um, o equivalente a 11,5 milhões de unidades domiciliares. [...] A população de gatos em domicílios brasileiros foi estimada em 22,1 milhões, o que representa aproximadamente 1,9 gato por domicílio com esse animal (IBGE, 2015b, p. 26)

Segundo pesquisa conduzida pelo *Human Animal Bond Research Institute* (HABRI), feita apenas com donos de *pets*, no ano de 2016, 98% dos respondentes declararam que seus *pets* são uma parte importante da família e 95% afirmaram que não poderiam imaginar desistir deles por nenhum motivo. Apresentando um resultado semelhante, *The Harris Poll*, por Shannon-Missal (2015), constatou que 95% dos americanos consideraram seus animais de estimação como membros da família, apresentando, também, dados de pesquisas anteriores: 88% em 2007; 91% em 2011; e 91% em 2012.

Por sua vez, a instituição *Word Animal Protection*, em uma pesquisa específica sobre cães, descobriu que, em 2019, 77% dos tutores de *pets* brasileiros tinham cães, dos quais 94% considerava-os como parte da família.

Um estudo realizado pelo SPC Brasil (2017, p. 5) ressaltou que os tutores de *pets* deixam “transparecer uma afinidade natural, além de várias sensações positivas e afetivas associadas à decisão de compartilhar a própria casa com um animal de estimação”. Assim, o estudo revelou os seguintes dados:

[...] 62,4% possuem um pet por que **sempre gostaram de animais**, enquanto 47,5% alegam que seu animal **os fazem sentir bem** (aumentando para 52,3% na Classe A/B) e 24,6% **queriam ter companhia** (aumentando para 33,8% entre os mais jovens). De forma semelhante, os **principais sentimentos** evocados pelo pet são o **amor** (61,5%, aumentando para 69,0% entre as mulheres), a **alegria** (61,2%), o fato de enxerga-los como um **membro da família** (61,2%, aumentando para 66,1% entre as mulheres), o **companheirismo** (59,2%) e a **amizade** (52,4%) (SPC BRASIL, 2017, p. 5)

Notadamente, ao longo dos anos, o conceito de família foi revisitado e atualizado diversas vezes, de forma que o seu eixo fundamental foi

descolocado do casamento e da consanguinidade para a afetividade, e, agora, com base em novos valores, surge uma nova modalidade de organização familiar formada pelo laço social entre seres humanos e seus animais de estimação, intitulada de família multiespécie ou poliespécie.

Sobre este enfoque, afirmam Seguin, Araújo e Cordeiro Neto (2016, p. 241) que:

[...] surgem novas possibilidades familiares, além daquelas construídas por pais e filhos, ou seja, humanos, em qualquer configuração atualmente admitida, para as famílias que tem [*sic*] laços afetivos com os animais, reforçando nosso vínculo com outras espécies e nossa inter-relação com o meio ambiente. Essa é a família multiespécie composta pela espécie humana e animal, mas formada essencialmente pelo vínculo afetivo

Ainda, salienta Chaves (2016, p. 29-30) que:

É inegável a importância alcançada pelos animais de companhia e a sua figuração entre os atores que compõem as entidades familiares pós-modernas. Assim, parece que o Direito das Famílias, se socorrendo de elementos de outros ramos do direito, deve começar a estender o olhar para além das suas protagonistas familiares humanos usuais (cônjuges, companheiros, pais e filhos), e acomodar e proteger os interesses do bem-estar dos *pets* que compartilham suas vidas com a família humana e também são de alguma forma afetados pelo fenômeno da fragmentação do vínculo conjugal ou convivencial

Em que pese não se ter certeza de suas raízes, fato é que essa formação familiar é uma realidade presente nas sociedades que, cada vez mais, vem sendo alardeada pelos envolvidos, baseada em valores existenciais e emocionais que não devem ser menosprezados. Em outras palavras, “o reconhecimento social da família multiespécie é irrefutável” (CHAVES, 2016, p. 30). Cientes desse contexto, Irvine e Cilia (2017, p. 1, tradução nossa)¹⁸ declaram que “nas últimas décadas, a importância dos animais de estimação nas famílias se tornou muito mais difícil de ignorar”.

Em seu estudo, Irvine e Cilia (2017) consideram que, para a real compreensão do que seja família, é preciso desapegar da sua visão enquanto

¹⁸ "Over recent decades, the importance of pets in family has become much harder to ignore."

entidade objetiva para entendê-la mais como um conjunto de ideias, significados e práticas na vida doméstica, adotando, assim, uma perspectiva mais abstrata do fenômeno. Por essa concepção, os *pets*, então, participam e remodelam a rotina familiar pelas obrigações de cuidado que eles necessitam, pelo desenvolvimento de fortes laços de afetividade e seus consequentes impactos psicológicos, pelo acesso a áreas da casa antes reservadas apenas para humanos (como o quarto e o banheiro) e por se tornarem insubstituíveis.

Nesse sentido, os autores encaram esses arranjos multiespécies como famílias mais-que-humanas (“*more-than-human families*”), reconhecendo o valor das práticas familiares diárias entre humanos e não humanos, o que inclui os *pets* e outras formas de vida. Essa perspectiva considera o papel dominante do ser humano, na medida em que este detém o poder de transformar o animal de estimação não só em um membro efetivo da família como, de forma antagônica, considerá-lo como um mero animal ou objeto e, até mesmo, abandoná-lo. Ademais, por essa visão, não se cogita “humanizar” ou “civilizar” os animais de estimação, ao contrário, incorporá-los às famílias enquanto seres de espécie diferente.

Ampliam essa discussão, ainda, os referidos autores, quando ponderam que:

Uma perspectiva mais promissora, e usada por grande parte do trabalho atual discutido aqui, reconhece que as famílias são, e sempre foram, constituídas como “mais-que-humanas”. Pensar dessa maneira requer abandonar o conceito de “família” como uma entidade pré-constituída e assumir a noção de “tornar-se”. Junto com uma série de outros assuntos e relações há muito considerados realizações essencialmente humanas, tornar-se família é na verdade contingente a um elenco de personagens não humanos [...]. A família surge em simbiose com esses outros, mas separada deles. Animais de estimação podem constituir família ativamente como animais, não como filhos substitutos ou seres humanos peludos. Considerar as famílias mais-que-humanas revela o entrelaçamento de humanos e animais sem descentralizar os humanos, que mantêm responsabilidades, estabelecem regras e cuidam de outros seres. As famílias mais-que-humanas representam um híbrido que inclui múltiplas relações de humano e animal e social e natural, ao invés de uma forma inteiramente nova de fazer família. A perspectiva mais do que humana também abre

possibilidades para a compreensão de domínios além da família (IRVINE; CILIA, 2017, p. 8, tradução nossa)¹⁹

Por outro lado, Nickie (2016), a partir da realidade social dos lares multiespécie, sugere que as práticas de parentesco entre seres humanos e animais de estimação confundem a fronteira humano-animal, o que poderia dar ensejo ao que chama de família pós-humana (“*post-human families*”). Por essa abordagem, haveria um “deslocamento da centralidade humana e o reconhecimento de que o não humano é uma parte essencial da vida (pós)humana” (NICKIE, 2016, p. 2, tradução nossa)²⁰.

Ao tratar sobre o papel dos *pets* na dinâmica familiar, Walsh (2009) elucida que os animais “melhoram a vida familiar diária e promovem uma maior interação e comunicação” (WALSH, 2009, p. 483, tradução nossa)²¹. Segundo a autora, além disso, apresentam oportunidades de aprendizagem sobre a organização familiar, pois

[...] ter animais de estimação, como criar filhos, apresenta desafios familiares e oportunidades de aprendizagem em torno da organização familiar, como regras, papéis, autoridade e limites, bem como clareza de comunicação e resolução de problemas (WALSH, 2009, p. 483-484, tradução nossa)²²

¹⁹ “A more promising perspective, and one used by much of the current work discussed here, recognizes that families are, and always have been, constituted as “more-than-human.” Thinking in this way requires abandoning a concept of “family” as a preconstituted entity and taking up the notion of “becoming with.” Along with a host of other matters and relations long considered quintessentially human achievements, becoming family is in fact contingent on a cast of nonhuman characters [...]. Family emerges in symbiosis with these others, but separate from them. Pets can actively constitute family as animals, not as surrogate children or furry human beings. Considering families as more-than-human reveals the intertwining of humans and animals without decentering humans, who maintain responsibilities, establish rules, and provide care for other beings. More-than-human families represent a hybrid that includes multiple relations of human and animal and social and natural, rather than an entirely new way of doing family. The more-than-human perspective also opens up possibilities for understanding domains beyond the family.”

²⁰ “[...] a displacement of the centrality of the human and a recognition that the non-human is an essential part of (post)-human life.”

²¹ “They enhance daily family life and promote greater interaction and communication.”

²² “Having pets, like childrearing, presents family challenges and learning opportunities around family organization, such as rules, roles, authority, and boundaries, as well as

Seria possível cogitar então que a presença cada vez maior de animais de estimação nos lares ao redor do mundo, bem como sua consideração como parte da família, poderia estar atrelada a fatores como a vida atribulada da modernidade, a diminuição da taxa de natalidade e da quantidade de filhos por família, o alto custo de vida nas cidades, o afastamento ou a dificuldade de relacionamento entre as pessoas, o aumento da expectativa de vida e, conseqüentemente, o envelhecimento da população, dentre outros.

Ressalta Walsh (2009), no entanto, que essa formação familiar está presente nos lares com crianças, de jovens adultos (solteiros ou casados), de pessoas cujos filhos adultos saíram de casa, bem como de idosos. Beck (2000, p. 8, tradução nossa)²³ acrescenta que, “para alguns, eles substituem os filhos que cresceram e se mudaram ou talvez nunca tenham nascido e, para outros, são companheiros para os filhos que ainda estão em casa”. Ademais, constatou-se que, nos Estados Unidos, pessoas “com crianças na casa são mais propensas a ter pelo menos um animal de estimação do que aquelas sem” (SHANNON-MISSAL, 2015, tradução nossa)²⁴.

McConnell, Lloyd e Humphrey (2019) afirmam que considerar os animais de estimação como membros da família melhora o bem-estar. Segundo os autores, a percepção dos tutores, ao acreditarem que os animais de estimação detenham atributos de apoio social, promove um senso de conexão social com esses animais e, por conseguinte, impacta positivamente a saúde mental e física. Para mais, incorporar os *pets* nas famílias acaba por colaborar com a diversificação das entidades que fazem parte desse grupo, ampliando, assim, as fontes de apoio social e a resiliência.

Por fim, acompanhando esse movimento, muitas empresas se tornaram *pet-friendly* e passaram a admitir a entrada e a presença de animais de estimação de empregados e clientes. Isso porque,

ao acomodar animais de estimação, as organizações podem ajudar a facilitar efeitos positivos para funcionários e clientes, porque muitos

communication clarity and problem solving."

²³ "For some, they replace the children who have grown and moved away or perhaps were never born, and for others, they are playmates for the children still at home."

²⁴ "Americans with kids in the household are more likely to have at least one pet than those without (73% vs. 57%)."

indivíduos têm um animal de estimação que consideram ser parte de sua família (KELEMEN *et al.*, 2020, p. 695, tradução nossa)²⁵

Por tudo isso, a família multiespécie é uma realidade cada vez mais difícil de ser ignorada, da mesma forma que a questão existencial de poder escolher consciente e plenamente com quem dividir seu lar, seus sentimentos e seus companheiros não deve ser menosprezada.

Aliás, o que pensar da labradora Roselle, que guiou seu tutor cego por 78 andares no ataque às torres do *World Trade Center*, em 11 de setembro de 2001? Apesar do pânico, confusão, chamas, fumaça e destroços ao redor, desceram juntos 1.463 degraus. Posteriormente, o tutor contou: "decidi confiar no julgamento dela porque Roselle e eu éramos uma equipe" (HINGSON, 2011, *s.p.*, tradução nossa)²⁶.

Ainda, o *golden retriever* Griffin recebeu o diploma honorário da Universidade Clarkson, nos Estados Unidos, em reconhecimento à sua dedicação com o bem-estar da sua tutora, que sofria de dores crônicas e necessitava usar cadeira de rodas. Dentre todas as atribuições relativas à sua mobilidade, a tutora relatou que a mais importante, talvez, tenha sido que o animal de estimação a confortou "em meio à dor intensa que causou sua ansiedade e depressão" (DARRAH, 2018, *s.p.*, tradução nossa)²⁷.

É verdade que esses são alguns dos grandes feitos, reconhecidos, noticiados e que, por vezes, envolvem atores treinados. Porém, também simbolizam as características valorizadas nos animais de estimação, como: amor, lealdade, companheirismo, empatia, alegria, humildade e simplicidade. Sem adentrar no mérito de qualquer discussão sobre a real capacidade desses animais, certo é que esses exemplos apenas ilustram as pequenas realizações cotidianas, as quais só podem ser experimentadas por seus tutores na sua esfera mais íntima de convivência, vale dizer, na família.

²⁵ "By accommodating pets, organizations can help facilitate positive effects for employees and customers, because many individuals have a pet they consider to be part of their family."

²⁶ "I chose to trust her judgment because Roselle and I were a team."

²⁷ "Griffin, possibly more importantly, comforts Hawley amid her severe pain that's caused her anxiety and depression."

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar o vínculo entre seres humanos e animais não humanos, é impossível fugir à constatação da fundamental participação das outras espécies para a configuração social em seu momento atual. Por certo que cada etapa do desenvolvimento da raça humana em sociedade contou com a contribuição, em maior ou menor escala, desses parceiros. Nesses estágios, os animais atuaram das mais diversas maneiras para o atendimento dos anseios humanos e, aos poucos, talvez sem mesmo a ciência por parte destes, terminaram por penetrar no ambiente mais íntimo de convivência, qual seja, a família.

Nas dinâmicas familiares, testemunhou-se uma nova forma de enxergar esses seres, e, ainda que as razões de tal transformação sejam desconhecidas, fato é que emergiu uma configuração familiar inédita, formada por humanos e seus companheiros animais com base em critérios de afeto. Nesses arranjos multiespécies, a figura do *pet* desempenha um papel unificador, que complementa as noções de identidade e de amadurecimento pessoal e social.

As atitudes perante os animais também foram revisitadas, de maneira que se nota uma preocupação muito maior com seu bem-estar, além de tantos outros comportamentos tendentes a “humanizá-los”.

Esse singular horizonte, então, ultrapassa a esfera íntima, irradiando seus efeitos para os setores econômico, social, cultural, político e jurídico. Portanto, fechar os olhos para essa realidade representa uma resistência infrutífera para uma infinidade de possibilidades que, de toda forma, estão se operacionalizando nas camadas mais profundas das sociedades.

É importante afirmar que sejam eles vistos como amigos, companheiros ou até mesmo filhos, os animais de estimação conquistaram um lugar especial nos lares, nas vidas e nos corações dos seus parceiros humanos, de forma que a ciência ainda discute e, a todo tempo, descobre novas vantagens dessa união milenar. Trata-se, ainda, de um campo a ser mais bem explorado, mas que, no entanto, vem demonstrando sua real importância na vida diária das pessoas.

REFERÊNCIAS

BECK, Alan. The human-dog relationship: a tale of two species. *In*: MACPHERSON, Calum; MESLIN, François-Xavier; WANDELER, Alexander (Org.). *Dogs, Zoonoses and Public Health*. Nova Iorque: CABI Publishing, 2000. p. 1-16.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal [STF]. *Recurso Especial n. 898.060/SC*. Brasília, DF: STF, set. 2016. Disponível em: <http://stf.jus.br/portal/jurisprudencia/listarJurisprudencia.asp?s1=%28TEMA+622%29&base=baseAcordaos&url=http://tinyurl.com/y5ulwlp3>. Acesso em: 1º nov. 2019.

BRASIL. Supremo Tribunal Federal [STF]. *Ação Direta de Inconstitucionalidade n. 4.277/DF*. Brasília, DF: STF, maio 2011a. Disponível em: <http://portal.stf.jus.br/processos/detalhe.asp?incidente=11872>. Acesso em: 1º nov. 2019.

BRASIL. Superior Tribunal de Justiça [STJ]. *Recurso Especial n. 1.183.378/RS*. Porto Alegre: Tribunal de Justiça do Estado do Rio Grande do Sul, 2011b. Disponível em: https://processo.stj.jus.br/processo/pesquisa/?src=1.1.3&aplicacao=processos.ea&tipoPesquisa=tipoPesquisaGenerica&num_registro=201000366638. Acesso em: 1º nov. 2019.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF: Presidência da República; Casa Civil; Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1988. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 1º nov. 2019.

BUCHANAN, Tonya; MCCONNELL, Allen. Family as a source of support under stress: benefits of greater breadth of family inclusion. *Self and Identity*, Oxfordshire, v. 16, n. 1, p. 97-122, 2017.

CHAVES, Marianna. Disputa de guarda de animais de companhia em sede de divórcio e dissolução de união estável: reconhecimento da família multiespécie? *Revista de Direito UNIFACS*, Salvador, n. 187, p. 1-34, 2016. Disponível em: <https://revistas.unifacs.br/index.php/redu/issue/view/229>. Acesso em: 1º nov. 2019.

DARRAH, Nicole. Service dog receives honorary diploma as handler graduates college. *Fox News* [online], Nova Iorque, 18 dez. 2018. Disponível em: <https://www.foxnews.com/us/service-dogs-gets-honorary-diploma-as-handler-graduates-college>. Acesso em: 28 abr. 2021.

GALIBERT, Francis; QUIGNON, Pascale; HITTE, Christophe; ANDRÉ, Catherine. Toward understanding dog evolutionary and domestication history. *Comptes*

Rendus Biologies, Paris, v. 334, n. 3, 2011. p. 190-96. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1631069110003008>. Acesso em: 10 dez. 2020.

GERMONPRÉ, Mietje; SABLIN, Mikhail; STEVENS, Rhiannon Elisabeth. Fossil dogs and wolves from Paleolithic sites in Belgium, the Ukraine and Russia: osteometry, ancient DNA and stable isotopes. *Journal of Archaeological Science*, Amsterdam, v. 36, n. 2, p. 473-90, 2009.

HINGSON, Michael. A blind man, his guide dog and lessons learned on 9/11. *Fox News* [online], Nova Iorque, 6 set. 2011. Disponível em: <https://www.foxnews.com/opinion/a-blind-man-his-guide-dog-and-lessons-learned-on-9-11>. Acesso em: 28 abr. 2021.

HUMAN ANIMAL BOND RESEARCH INSTITUTE [HABRI]. *2016 Survey*. Washington: HABRI, 2016. Disponível em: <https://habri.org/2016-pet-owners-survey>. Acesso em: 15 dez. 2020.

HOBGOOD-OSTER, Laura. *A dog's history of the world: canines and the domestication of humans*. Waco: Baylor University Press, 2014.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese dos indicadores de 2013*. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2015a. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94414.pdf>. Acesso em: 1º nov. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA [IBGE]. *Pesquisa Nacional de Saúde 2013: acesso e utilização dos serviços de saúde, acidentes e violências*. Rio de Janeiro: IBGE, 2015b. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv94074.pdf>. Acesso em: 1º nov. 2019.

IRVINE, Leslie; CILIA, Laurent. More-than-human families: pets, people, and practices in multispecies households. *Sociology Compass*, Hoboken, v. 11, n. 2, p. 1-13, 2017.

IRVING-PEASE, Evan; RYAN, Hannah; JAMIESON, Alexandra; DIMOPOULOS, Evangelos; LARSON, Greger; FRANTZ, Laurent. Paleogenomics of Animal Domestication. In: LINDQVIST, Charlotte; RAJORA, Om (Ed.). *Paleogenomics: Genome-Scale Analysis of Ancient DNA*. [s.l.]: Springer, 2018. p. 225-72.

KELEMEN, Thomas; MATHEWS, Samuel; WAN, Min Maggie; ZHANG, Yejun. The secret life of pets: the intersection of animal and organization life. *Journal of Organizational Behavior*, Oxford, v. 41, n. 7, p. 694-97, 2020. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/job.2465>. Acesso em: 21 mar. 2021.

LARSON, Greger *et al.* Rethinking dog domestication by integrating genetics, archeology, and biogeography. *Proceedings of the Nacional Academy of Sciences of the United States of America (PNAS)*, Washington, v. 109, n. 23, 2012. Disponível em: <https://www.pnas.org/content/109/23/8878.short>. Acesso em: 10 dez. 2020.

MCCONNELL, Allen; BUCHANAN, Tonya; LLOYD, Paige; SKULBORSTAD, Hayley. Families as ingroups that provide social resources: implications for well-being. *Self and Identity*, Oxfordshire, v. 18, n. 3, p. 306-30, 2019.

MCCONNELL, Allen; LLOYD, Paige; HUMPHREY, Brandon. We are family: viewing pets as family members improves wellbeing. *Anthrozoos*, Oxfordshire, v. 32, n. 4, p. 459-70, 2019

MORGAN, David. *Rethinking family practices*. Basingstoke: Plagrave Macmillan, 2011.

NICKIE, Charles. Post-human families? Dog-human relations in the domestic sphere. *Sociological Research Online*, Thousand Oaks, v. 21, n. 3, 2016.

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO [OCDE]. *Doing better for families*. Paris: OECD Publishing, 2011.

OVODOV, Nikolai; CROCKFORD, Susan; KUZMIN, Yaroslav; HIGHAM, Thomas; HODGINS, Gregory. A 33-000-year-old incipient dog from the Altai Mountains of Siberia: evidence of the earliest domestication disrupted by the Last Glacial Maximum. *PLoS ONE*, São Francisco, v. 6, n. 7, p. 1-7, 2011.

REICH, Jennifer. (Ed.). *The state of families: law, policy, and the meanings of relationships*. Nova Iorque: Routledge Books, 2021.

SEGUIN, Élida; ARAÚJO, Luciane Martins; CORDEIRO NETO, Miguel dos Reis. Uma nova família: a multiespécie. *Revista de Direito Ambiental*, São Paulo, ano 21, v. 82, p. 235-43, 2016.

SERPELL, James. The Human-Animal Bond. In: KALOF, Linda (Ed.). *The Oxford Handbook of Animal Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

SERPELL, James. Anthropomorphism and Anthropomorphic Selection – Beyond the “Cute Response”. *Society & Animals*, Leiden, v. 10, n. 4, p. 437-54, 2002.

SERPELL, James. Beneficial effects of pet ownership on some aspects of human health and behavior. *Journal of the Royal Society of Medicine*, Londres, v. 84, n. 12, p. 717-20, 1991. Disponível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC1295517>. Acesso em: 1º nov. 2019.

SERPELL, James; PAUL, Elizabeth. Pets in the family: an evolutionary perspective. In: SALMON, Catherine; SHACKELFORD, Todd (Ed.). *The Oxford Handbook of Evolutionary Family Psychology*. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 297-309.

SHANNON-MISSAL, Lary. More than ever, pets are members of the family. *The Harris Poll* [online], Chicago, jul. 2015. Disponível em: <https://theharrispoll.com/whether-furry-feathered-or-flippers-a-flapping-americans-continue-to-display-close-relationships-with-their-pets-2015-is-expected-to-continue-the-pet-industrys-more-than-two-decades-strong/>. Acesso em: 15 dez. 2020.

SHIPMAN, Pat. The animal connection and human evolution. *Current Anthropology*, Chicago, v. 51, n. 4, p. 519-38, 2010.

SPC BRASIL; CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE DIRIGENTES LOJISTAS [CNDL]. *Mercado de consumo pet*. São Paulo: SPC BRASIL; CNDL, 2017. Disponível em: <https://www.spcbrasil.org.br/pesquisas/pesquisa/3540>. Acesso em: 1º nov. 2019.

VILÀ, Carles *et al.* Multiple and ancient origins of the domestic dog. *Science*, Washington, v. 276, n. 5319, p. 1687-689, 1997. Disponível em: <https://science.sciencemag.org/content/276/5319/1687>. Acesso em: 10 dez. 2020.

WALSH, Froma. Human-animal bonds II: the role of pets in family systems and family therapy. *Family Process*, Evanston, v. 48, n. 4, p. 481-99, 2009.

94% DOS brasileiros veem seus cães como membros da família. *World Animal Protection* [online], London, abr. 2019. Disponível em: <https://www.worldanimalprotection.org.br/not%C3%ADcia/94-dos-brasileiros-veem-seus-caes-como-membros-da-familia#:~:text=Segundo%20a%20nova%20pesquisa%20da,de%20destacou%20em%20guarda%20respons%C3%A1vel>. Acesso em: 15 dez. 2020.

